

POR FAVOR, LEVEM-ME

ZUMBI

Henry Corrêa de Araújo

Faculdade de Filosofia — 1º Ano — Letras

primeiro
eu vi as mãos lá embaixo depois entrei no elevador e o velho do andar de cima que é rico e tuberculoso me emprestou seus óculos tartaruga então vi as mãos de verdade e só não vou dizer com meus próprios olhos porque se eu disser com meus próprios olhos podem me achar individualista e me acusarem de estar fazendo pouco caso do velho e seu brilho podre direi apenas que vi as mãos lá embaixo duas gordas aranhas andando lentamente sôbre o assalto e também às vêzes correndo corriam como se fôssem um bando de meninos xifópagos que acabasse de pregar uma peça em alguém e agora, sem saber exatamente onde, procurasse se esconder indo e vindo ou tocassem num imenso piano branco uma imensa sinfonia

de quando
em quando procuravam as largatixasmãos escalar o muro do edifício onde eu me encontrava, no dia vinte e um de maio de um ano qualquer, beirando sempre a calha enferrujada por onde escorria um líquido grosso e pegajoso tentavam a subida com uma pontualidade que já se tornara monótona e quando eu percebia que iriam conseguir me refugiava de olhos fechados ponta de lança ou no armário ou no banheiro ou debaixo da cama

entretanto
não me era fácil adivinhar as atitudes que sempre e cronometricamente tomavam e elas poderiam tanto tentar novamente a aproximação como ir ao bar da esquina, pedir, esperar, serem servidas e comer avidamente um sanduíche e voltar arrotando salame barato ou como já fizeram anteriormente por mais de três vezes, mergulhar e nem meu amigo kafka saberia com que finalidade — no asfalto quente e se deixarem ficar imóveis como as outroramortas mãos dêle

tinha medo?

não é verdade

que eu tivesse coragem mas medo também não antes elas me repugnavam o cheiro forte da terra que desprendiam mesmo de longe e que iam diretamente ao fígado a côr nunca fixa vacilando camale(m)ão entre o rôxo e o pálido

é claro? daqui

onde estou no momento à direita da porta principal precisamente entre o sétimo e o nono andar meus olhos olhando-as abriam-se e se fechavam rapidamente como o foco de uma máquina de retratos que estivesse tirando retratos simultâneos ou então nas mãos de uma criança fôsse um furtivo passado tempo

é claro poderiam ser também os olhos de um solitário farol de uma solitária ilha piscapiscando verticalmente contra coisa nenhuma ou contra o chão onde elas agora permaneciam imóveis à escuta

a da direita

(sem o braço e o resto do corpo é provável que não saibam mesmo qual é a da direita mas por favor façam um esforço) tem uma cicatriz entre o dedo indicador e o médio apesar de as lentes do velho rico e tuberculoso estarem embaçadas e não me permitirem vê-la de imediato posso confirmá-la porque a mão direita (diga-se de passagem não pertence a Deus) foi a que da última vez tentou asfixiar-se (minha cicatriz é visível e me tem causado sérios e imprevisíveis aborrecimentos sociais) foi a que da última vez tentou matar-me. Vocês vão dizer que deve ter sido trágico, horrível, angustiante, coitadinho

dêle, mas nem tanto o que não pude mesmo conter o riso um riso imenso uma imensa ponte ligando o meu prazer ao seu ódio sabia-a morta e não me contive ao seu contacto áspero e macio e à lembrança de certos fatos passados os quais se me permitem não vou recontá-los a não ser a marca, o corte profundo sôbre a carne fresca nada restou de sua visita.

outro dia meu pobre e querido irmão esteve aqui à direita da porta principal exatamente entre o sétimo e o nono andar mostrei para êle as mãos e êle não entendeu e nem eu porque começou a chorar e disse que eu estava doido e que as mãos mirando bem eram miragem. Não façam juízos precipitados do meu pobre louco e querido irmão porque êle tremia e urinava muito e só depois que eu segurei com a minha mão a mão dêle foi que eu percebi que não devia mostrar as mãos *dêle* para ninguém

digo se me prometerem não tremer e não urinar como meu pobre louco e querido irmão eu as mostro para vocês as duas gordas aranhas saltitando sôbre o asfalto

o carro do velho quase pegou a da esquerda porque a da esquerda é mão bôba não no sentido que vocês vulgarmente dão à palavra é que ela é mão bôba mesmo mão bôba de insulina. O trânsito ficou interrompido horas e dias e o inspetor sem poder decifrar a causa do tumulto ficou movimentando os braços violentamente como aquêles bonecos que a gente vê nos carros de pipoca tocados pelo vento eu descí lá e falei isto é tentei falar fazer compreender ao inspetor que a mão era a causa de tudo mas êle fingiu — por burrice ou por medo — não me entender e também as outras pessoas e então mais por compaixão eu os deixei ali horas e dias

horas e dias teriam permanecido ali se elas não tivessem retornado e retomado o ataque eu as vi lá embaixo saindo entre a multidão e olhando para mim e apontando-me com seus ponteagudos e gordurosos dedos VOCEVOC EVOCEVOCEVOCEVOCEVOC

VOCÊ eu as ou-
via e o grito repercutia em todo o quarto transformado mo-
mentâneamente numa gigantesca câmara de eco. Sabia que
em breve estariam novamente aqui principalmente a mão direita
mas eu digo que não vou me assustar e desta vez não me esconderei
absolutamente dentro de armário nenhum e nem debaixo
da cama como uma barata até que cheguem simplesmente liga-
rei a radiola estereofônica colocarei a nona abrirei a geladeira
tirarei uma cerveja gelada e farei muitas outras coisas que a
gente faz quando espera a mulher amada ou uma visita im-
portante

logo que che-
guem as receberei como se fôssem a mulher amada ou a visita
importante e enquanto se embriagam não deixarei de rir um
só minuto e continuarei rindo duzentas mil noites até que no
momento exato e oportuno direi

POR FAVOR
LEVEM-ME